



Mulheres rurais e quilombolas: produção para consumo e segurança alimentar *Rural and quilombola women: production for consumption and food security*

PEREIRA, Izabel Santos¹; DIOÓRIO, Ana Paula Inacio²

¹ Mestranda em Educação do Campo- UFRB e Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia FAPESB, izabelsantos.ac@gmail.com. ² Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, anapaula.diorio@ufrb.edu.br;

RESUMO EXPANDIDO

Eixo Temático: Gênero, Feminismos e Diversidades na Construção Agroecológica

Resumo: Esse relato tem como objetivo de socializar as experiências vivenciadas em atividades desenvolvidas em projetos de fortalecimento de grupos produtivos com mulheres quilombolas e integrante do grupo 7 Damas da Associação Rural Quilombola de Paus Altos, Santa Cruz e Adjacências – ARQUIPASCA no município de Antônio Cardoso, BA. Buscamos compreender a dinâmica e o impacto que o desenvolvimento de ações extensionistas podem ter no âmbito das comunidades. Os resultados apontam que a experiência da implementação de um quintal agroecológico pelo projeto de extensão Mulheres de Fibra foi fundamental para a multiplicação dos 20 quintais agroecológicos no sistema de PAIS do edital Bahia produtiva, a aquisição de um transporte para comercialização dos produtos e a venda das hortaliças no Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) foram ações desenvolvidas por meio dos projetos com impactos visíveis para incremento no consumo das famílias, fortalecimento da cultura e segurança alimentar da comunidade.

Palavras-chave: quintais agroecológicos; grupos produtivos

Introdução

O presente estudo tem por objetivo socializar as experiências vivenciadas em atividades desenvolvidas em projetos com mulheres quilombolas e integrante do grupo produtivo 7 Damas da Associação Rural Quilombola de Paus Altos, Santa Cruz e Adjacências – ARQUIPASCA no município de Antônio Cardoso – BA. Uma das proposta de intervenção foi realizada por meio do projeto Mulheres de Fibra: Formação em agroecologia para mulheres rurais do estado da Bahia envolvendo a comunidade e a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

Os estudos realizados possibilitaram compreender processos sócio-educativos das mulheres quilombolas que desenvolvem um grande papel na agroecologia, através da produção para o consumo familiar garantindo qualidade de vida. Esse trabalho, normalmente, não é remunerado e fica invisibilizado por detrás das estratégias de reprodução familiar. Como a agroecologia diz respeito, também, a transição de práticas agrícolas convencionais e de desenvolvimento rural, insustentáveis, para aqueles resilientes e biodiversos, a sustentabilidade passa a ser vista de forma ampla, em cujos processos perduram no tempo, conciliando essas práticas e a



manutenção da agrobiodiversidade e do território camponês, ao passo que possibilita meios que as pessoas envolvidas vivam com dignidade (SILIPRANDI, 2015). E por isso, as mulheres tem um papel tão importante nesse processo, porque além de serem sujeitos políticos dessa luta, elas têm um papel fundamental no desenvolvimento de práticas agroecológicas nos quintais das próprias casas.

Neste sentido, buscamos diagnosticar e conhecer as experiências diversas desenvolvidas pelo grupo produtivo 7 Damas para contribuir com formações e implementação dos quintais no intuito do fortalecimento da luta das mulheres e de relações de gênero mais justas no campo por meio de práticas agroecológicas.

Sem perder de vista a especificidade da luta das mulheres negras e ativistas e suas pautas e reivindicações pelos seus direitos nas políticas públicas. No Brasil há pouca bibliografia sobre protagonismo das mulheres negras na sociedade escravista, suas vivências e projetos. A “representação iconográfica da negra que imprime na consciência cultural coletiva a ideia que a mulher negra está neste planeta principalmente para servir aos outros” (HOOKS, 1995, p.2). A escravidão foi sistema responsável pela configuração da imagem da mulher negra como objeto de desejo, essa visão é fruto de uma atuação conjunta do sexismo e do racismo na sociedade brasileira. As negras tiveram seus corpos sexualizados para satisfazer os desejos sexuais dos senhores e seus filhos e foram escravizadas no trabalho doméstico nas casas grandes. Quando direcionamos o olhar para mulheres negras rurais e quilombolas, observamos que essa invisibilidade ainda é maior, elas conviveram e convivem com racismo e opressões sexistas, machistas e racistas e socioterritoriais. Uma vez por ser mulher e a outra por ser negra, do campo e quilombola.

As mulheres escravizadas contribuíram ativamente na economia dos quilombos. Segundo Gomes (2018) elas trabalhavam nas roças, no plantio e colheita da cana-de-açúcar, abóbora e da mandioca, para transformar em farinha e seus derivados, também se dedicava a fabricação de cerâmica e cachimbos. A história do Brasil foi forjada por um modelo capitalista agroexportador excludente cujas mulheres negras ocupam a maioria dos postos de trabalho nos serviços domésticos, recebem os piores salários, trabalham mais, entretanto com rendimento menor, como também uma cultura patriarcal, machista que dissemina a discriminação e o preconceito contra as mulheres negras vivida desde o período da escravidão, até dias atuais.

Elas vêm ressignificando sua história por meio do protagonismo e a valorização das suas ações de reivindicações com base em novos modelos produtivos. Outro tema que está relacionado à vida das mulheres negras é a agroecologia, pois é a forma de resistência na construção da igualdade de gênero, na produção de alimentos e na manutenção das famílias.

Nas comunidades camponesas de municípios pequenos as oportunidades de trabalho e renda são escassas, a concentração fundiária é grande e muitas políticas públicas não chegam até o campo. Para mulheres negras alcançarem sua autonomia financeira e garantirem a segurança alimentar e nutricional das famílias são cultivadas variedades de plantas nos quintais das residências, reduzindo a dependência por outros produtos nos mercados. Os quintais agroecológicos são uma cultura ancestral de manuseio da terra, compõe uma variedade de espécies de



plantas, comestíveis e medicinais, muitas vezes associados à pequena criação de galinhas, porcos e ovelhas em torno da residência. Frequentemente, quem trabalha nos quintais são as mulheres, que fazem os processos do plantio à colheita, além do trabalho doméstico com preparação e os cuidados com os filhos, os animais e, por vezes, familiares mais velhos ou que exigem cuidados com a saúde. Quando nos referimos ao campo da produção, as mulheres têm sido pioneiras na unidade familiar na introdução de práticas e saberes agroecológicos que foram adquiridas por gerações. Elas são quem reintroduz sementes que foram guardadas no último plantio das próprias hortas domésticas, nessa perspectiva elas vão ressignificar a sociabilidade nas comunidades, municípios e territórios.

Metodologia

O lócus desta experiência foi a Comunidade Quilombola de Paus Altos, localizada no município de Antônio Cardoso, situada na rodovia Santo do Mon BR 116 sul. Paus Altos possui título de Comunidade Quilombola emitido pela fundação Palmares em 2010, a principal fonte de renda dos moradores da comunidade é oriunda da agricultura familiar e previdência social rural. A produção de milho, feijão e hortaliças ganha destaque como fonte de segurança alimentar e renda para distintas famílias dessa comunidade.

Participaram dessa ação mulheres quilombolas que têm quintais nas suas residências, sendo 15 agricultoras quilombolas que participaram da formação do grupo produtivo 7 Damas e outras 20 agricultoras quilombolas da comunidade. As mulheres possuem idades entre 18 a 72 anos, sua escolaridade média é o ensino fundamental incompleto e a renda proveniente do Auxílio Brasil e da previdência social rural. A maioria vive na propriedade desde o nascimento, o tamanho médio da propriedade varia entre 0,5 a 2 tarefas, que mora mais de uma família. Para a comunidade de Paus Altos a terra significa resistência e sobrevivência, e sem ela está colocada em risco qualquer possibilidade de desenvolvimento, pois é dela que provém o alimento fonte de sua subsistência

A implantação do primeiro quintal agroecológico ocorreu no grupo produtivo de mulheres denominado de 7 Damas, vinculado à Associação Rural Quilombola de Paus Altos Santa Cruz e Adjacências (ARQUIPASCA). O grupo 7 Damas era formado por 15 mulheres em março de 2006 e têm como objetivo criar oportunidade de geração de renda para as mulheres quilombolas associando atividade econômica com emancipação feminina através da valorização do papel das mulheres quilombolas na comunidade. O empreendimento produz doces, compotas, geléias e licores e a matéria prima para produção é extraída dos quintais das mulheres das comunidades onde encontramos variedades como: caju, umbu, acerola, goiaba, tamarindo, jenipapo, além disso, o plantio de milho, feijão, feijão de corda, batata doce, aipim e de hortaliças como couve, coentro, cebolinha, que também é usado para o consumo da família e para alimentar os animais.

Ainda assim, por se tratar de um grupo de pequeno porte, a produção e a demanda não são suficientes para garantir que essas mulheres venham auferir renda somente através desta atividade econômica. Essa baixa produção se dá pelo tamanho das propriedades na comunidade que a maioria das famílias não tem terra,



usa o contrato de comodato para morar e plantar, algumas pessoas herdaram menos de 2 tarefas por família que divide com outros membros. Reflexo de uma estrutura agrária altamente concentrada no país em que os estabelecimentos não familiares detêm 75,7% da área ocupada, apesar de representarem apenas 15,6% do total de estabelecimentos, ao contrário da agricultura familiar (STRATE, 2018, p4).

A atividade para instalação do quintal no sistema PAIS do projeto Mulheres de Fibra iniciou com reformulação do galinheiro para adequar ao tamanho desejado pela comunidade (5 m de circunferência) e que ela pudesse manter, nessa parte tivemos muita dificuldade, por ter utilizado madeira não padronizada, o que ocupou muito o tempo de trabalho. O galinheiro foi montado e depois incluído a tela, os comedouros, bebedouros e os pintinhos.

A comunidade se comprometeu em fazer a cerca de arame farpado da circunferência do PAIS, para evitar que animais destruíssem as hortaliças e galinheiro. O maior desafio da comunidade é a convivência com a seca, não tem água encanada e é preciso contar com água da chuva, ou comprar carro pipa. Parte do material de irrigação foi instalada, no entanto não foi possível elevar as caixas d' água. Ficou plantado: batata doce, palma, tomate, rúcula, couve, cebolinha, hortelã. Deixamos a comunidade com o compromisso em aumentar essa diversidade, cuidar da cobertura vegetal e da adubação orgânica. A ideia é que estas culturas sejam utilizadas na segurança alimentar da família e o excedente seja vendido para gerar renda. Além do incentivo a multiplicação das experiências nas casas das mulheres beneficiadas pelo projeto e formações.

Resultados e Discussão

A implantação do quintal pelo projeto Mulheres de Fibra: Formação em agroecologia para mulheres rurais do estado da Bahia envolvendo a comunidade e a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) foi uma experiência formativa e ao mesmo tempo prática como entendemos que agroecologia deve ser trabalhada (Imagem 1). De forma dialógica e valorizando os saberes ancestrais das mulheres quilombolas da comunidade de Paus Altos.



Imagem 1: Processo de implantação do PAIS na comunidade de Paus Altos, 2020

Ainda hoje os frutos dessa ação são colhidos pelas mãos das mulheres do grupo produtivo 7 Damas. Com a implantação do quintal agroecológico no sistema PAIS-Produção Agroecológica Integrada e Sustentável as mulheres quilombolas conseguiram fortalecer a segurança alimentar e nutricional e aumentar a renda familiar, sendo que a maioria delas é provedora de família.

A ARQUIPASCA vendo a adesão do projeto pelas mulheres e o interesse de outras em implementar na sua propriedade, foi elaborada uma proposta para o edital da Bahia Produtiva - um projeto do governo do estado da Bahia, executado pela Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR), empresa pública vinculada à Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR), a partir de Acordo de Empréstimo firmado entre o estado e o Banco Mundial-

para aquisição de mais 20 quintais agroecológico no sistema de PAIS e um transporte para comercialização dos produtos. A comercialização seria o motor para impulsioná-las, no entanto são necessárias políticas de apoio à comercialização como programas de aquisição de alimentos (PAA) e O Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), que é o principal programa na garantia do Direito Humano à Alimentação Adequada (DHAA), cujo intuito é valorizar o princípio da alimentação saudável.

Com esse incremento na produção, o grupo 7 Damas ganhou a licitação municipal para o PNAE e estão fornecendo alimentos de sua própria produção, como: bolachinha de goma, tapioca, beiju, couve, alface, cebolinha, hortelã e coentro, que vão garantir o respeito aos hábitos alimentares culturalmente diferenciado da comunidade quilombola e o desenvolvimento local sustentável através da educação alimentar e nutricional para os alunos do município. O Governo Federal estabeleceu que pelo menos 30% dos alimentos consumidos em escolas públicas devem ser



fornecidos pela agricultura familiar local (BRASIL, 2009). O PAA, conduzido pela Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), possibilita o recolhimento dos alimentos e sua distribuição às populações em condições de vulnerabilidade alimentar. A partir desses programas, os agricultores familiares têm procurado melhorar e ampliar suas hortas.

Conclusões

Diante das experiências relatadas, percebemos que a implantação dos quintais agroecológicos foi de muitos aprendizados, visto que, a educação em agroecologia perpassa todos os ambientes, o que permite múltiplas trocas de saberes, pois nos permitiu observar as ações do grupo 7 Damas que luta pela melhoria de vida das mulheres da comunidade quilombola de Paus Altos. Além disso, o quintal agroecológico pode ser compreendido como uma forma de empoderamento feminino, pois durante todo processo as mulheres tinham a liberdade de tomar as decisões do que fazer, de como fazer. Neste espaço o homem simplesmente era convidado para ajudar, contribuía, mas nunca decidia. Percebemos que quando as mulheres trabalham em grupos com produtos da agricultura familiar elas conseguem ter uma renda significativa comercializando nas feiras dos municípios, na comunidade, em eventos etc. Acima de tudo, acreditamos que a partir dos saberes e experiência dessas mulheres aprendemos, agregamos e assimilamos com os saberes que são partilhados nos espaços acadêmicos e da comunidade, pois as atividades desenvolvidas pelas mulheres quilombolas rurais são produtoras de conhecimento, mesmo que invisibilizado ou visto pela ciência moderna como inferior, as mulheres possuem epistemologias muito singulares fruto de sua constituição histórica vinculada à (re) produção da vida nos quilombos enquanto territórios de resistências e de produção de conhecimentos.

Referências bibliográficas

BRASIL. Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação (FNDE). Lei 11.947, de 16 junho de 2009. Dispõe sobre o atendimento da alimentação escolar e do Programa Dinheiro Direto na Escola aos alunos da educação básica.

GOMES, Flávio dos Santos. Quilombos/Remanescentes de quilombos. **Dicionário da escravidão e liberdade**, v. 50, p. 367-373, 2018.

STRATE, Mirian Fabiane; DA COSTA, Sonia Maria. Quintais produtivos: contribuição à segurança alimentar e ao desenvolvimento sustentável das mulheres rurais no RS–Brasil. *Brazilian Journal of Development*, v. 4, n. 7, p. 3732-3744, 2018.

HOOKS, B. Intelectuais negras. *Revista Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, IFCS/UFRJE; PPCIS/UERJ, v. 3 n. 2, 1995.

ILIPRANDI, E. *Mulheres e agroecologia: transformando o campo, as florestas e as pessoas*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015